

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

FRANCISCA AUREA SILVA RODRIGUES
JAQUELINE SENA DE ANDRADE
VALERIA MESQUITA LAZARO CHAVES

ANÁLISE DA RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

ANÁPOLIS - GO
2017

FRANCISCA AUREA SILVA RODRIGUES
JAQUELINE SENA DE ANDRADE
VALERIA MESQUITA LAZARO CHAVES

ANÁLISE DA RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, sob a orientação da Profa. Ma. Sueli de Paula Cunha.

FOLHA DE APROVAÇÃO

FRANCISCA AUREA SILVA RODRIGUES

JAQUELINE SENA DE ANDRADE

VALERIA MESQUITA LAZARO CHAVES

ANÁLISE DA RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, sob a orientação da Profa. Ma. Sueli de Paula Cunha.

Data da Aprovação: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Sueli de Paula Cunha

ORIENTADORA

Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel

CONVIDADA

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, a Deus, pela motivação e incentivo, sem o qual não conseguiríamos concluir esta jornada de maravilhoso conhecimento e desenvolvimento pessoal.

À nossa família, pai, mãe, esposos e filhos, por seu imenso apoio e investimento, pois, foram muitos os momentos sacrificados para a dedicação aos estudos, porque sempre foram unânimes em seu incentivo na continuidade desta caminhada.

Por fim, e tão importante quanto, à nossa professora orientadora Ma. Sueli de Paula Cunha, pelos incontáveis momentos de ensino e dedicação, apoio e compreensão, paciência e confiança para desenvolver este trabalho com a firme convicção de que o conhecimento que adquirimos é o patrimônio maior que levamos ao final deste curso.

RESUMO

O objetivo deste trabalho permitiu analisar as circunstâncias que podem contribuir para uma maior participação dos pais no ensino de seus filhos, compreendendo como o diálogo família e escola pode melhorar o desempenho dos alunos a partir da relação família escola e do engajamento familiar na educação. Sugere, também, mecanismos e estratégias de ação que possibilite a integração entre família e escola. Dentro destas premissas, procurou-se apresentar um referencial teórico condizente com as necessidades de estudo e uma pesquisa de campo para esclarecer a temática desenvolvida.

Palavras-chave: Participação Familiar na Educação. Integração Escolar. Família e Escola.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the circumstances that may contribute to the greater participation of parents in the education of their children, understanding how the family and school dialogue can improve the students' performance from the relation between family school and family engagement in education. It also suggests mechanisms and strategies of action that allow the integration between family and school. Within these premises, it was tried to present a theoretical reference consistent with the needs of study and a field research to clarify the thematic developed.

Key-words: Family Participation in Education. School Integration. Family and School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A PSICOPEDAGOGIA	9
3	METODOLOGIA	16
3.1	ANÁLISES DOS DADOS.....	17
3.1.1	Observação.....	17
3.2.2	Entrevista	19
3.2.3	Análise Documental	20
3.2.4	Questionário	21
4	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	26
5	CONCLUSÃO	27
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICES	30
	APÊNDICE A – Questionário.....	30
	APÊNDICE B – Entrevista	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseou-se em uma pesquisa de campo que mostra a necessidade de uma escola de resgate à família. Esse tema foi escolhido por que há bastante necessidade da participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem nas escolas.

Para tanto, os objetivos foram: analisar o motivo de os pais não estão participando do ensino dos seus filhos; compreender como acontece o diálogo entre família e a escola nessa instituição escolar; verificar no Projeto Político Pedagógico (PPP) se há projetos que valorizem a família e; citar estratégias que possibilitem a interação entre família-escola.

A educação sempre será algo em comum entre escola e a família, entretanto, envolver a família na educação escolar, pode representar uma ameaça para alguns professores, por se sentirem destituídos de sua competência e de seu papel de ensinar, alguns profissionais preferem não ter a interação da família em seus processos de aprendizagem, pois buscar o pai para participar é bem mais trabalhoso do simplesmente fazer seu plano semanal.

A escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas, pois em sala de aula, há momentos e atividades que são estruturadas com objetivos programados e outras mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com seu ambiente social e a parceria com a família é fundamental para esse processo escolar.

Faz-se necessário abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participarem de atividades culturais, esportivas, entre outras que a instituição pode oferecer, aproximando o contexto entre família-escola. A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo indivíduo. Portanto, pais e educadores necessitam ser companheiros nessa caminhada da formação educacional do ser humano.

Baseados nestas premissas tem-se a problemática: porque as famílias não participam efetivamente do aprendizado? E criam-se, dessa forma, hipóteses para responder à questão levantada: como a escola tem interesse que a família participe do processo de ensino? A família realmente não está participando? A família e a escola buscam soluções para esse problema?

O tema se justifica pela importância da participação da família no processo de ensino dos indivíduos, pois é o primeiro grupo social de qual a criança faz parte, e a família tem influência no seu desenvolvimento dessa criança, que vai precisar desse apoio durante toda a vida.

Para melhor compreensão da temática, a metodologia utilizada foi a pesquisa quantitativa, que utiliza de números para coleta de informações e também qualitativa, que interpreta os dados obtidos para dar significados aos fenômenos que ocorrem durante a pesquisa. Os instrumentos utilizados foram: entrevistas, questionários, observações e documentos.

Assim, o trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro abordou-se um breve relato do surgimento da psicopedagogia clínica e institucional e a área de atuação do psicopedagogo. No segundo capítulo teve-se a metodologia, ou seja, os métodos utilizados para desenvolver a pesquisa. No terceiro, apresentou-se a análise dos dados. Já no quarto relatou-se a proposta de intervenção e, por fim, as considerações finais, onde foi feita uma análise dos objetivos e apresentadas as devidas conclusões.

2 A PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia é um termo novo, mas muito bem conhecido. Macedo (1992, apud BOSSA, 2011, p. 25), diz que Psicopedagogia significa “aplicação da psicologia experimental à pedagogia”, mas Bossa (2011), não concorda com essa ideia, ela diz que a psicopedagogia tem um caráter interdisciplinar e que a sua área de estudo é ampla, buscando seu próprio conhecimento em outros campos, condição essencial da interdisciplinaridade.

Ainda para Bossa (2011), a Psicopedagogia não se limita só entre Psicologia e a Pedagogia, por se tratar de uma nova área que busca o conhecimento dessas duas áreas, para pensar em um objeto de estudo, a partir de um corpo teórico.

Kiguel (1991) diz que:

Historicamente a Psicopedagogia surgiu na fronteira entre a Pedagogia e a Psicologia, a partir das necessidades de atendimento de crianças com ‘distúrbios de aprendizagem’, consideradas inaptas dentro do sistema educacional convencional [...] no momento atual, à luz de pesquisas psicopedagógicas que vêm se desenvolvendo, inclusive no nosso meio, e de contribuições da área da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Linguística, Epistemologia, o campo da Psicopedagogia passa por uma reformação. De uma perspectiva puramente clínica e individual busca-se uma compreensão mais integradora do fenômeno da aprendizagem e uma atuação de natureza mais preventiva (KIGUEL, 1991, p. 22 apud BOSSA, 2011, p. 27).

Sendo assim, a Psicopedagogia, se olhada da visão dos autores, não tem bem uma área de conhecimento. Como citado acima, ela tem um caráter interdisciplinar.

Para Gasparian (2006, p.263):

[...] de uma maneira mais simples, mas sem ser simplista, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade representam uma nova abordagem científica, cultural, espiritual e social. Como, por exemplo, o prefixo trans indica, diz respeito aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina.

Por abranger várias áreas do conhecimento a Psicopedagogia é então interdisciplinar, que tem como objeto de estudo, o ser que aprende, pois, de acordo Scoz (1992 apud BOSSA, 2011, p.29), “a Psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades e em uma ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os”.

Para a autora supracitada, essas vertentes, em relação ao objeto de estudo, não se limitam à aprendizagem, para ela isso é uma ilusão, já que o tema aprendizagem tem muita complexidade e que deveria fazer parte de outro estudo.

Vale lembrar ainda que:

[...] como se preocupar com o problema de aprendizagem, deve ocupar-se inicialmente do processo de aprendizagem. Portanto, vemos que a psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhece-las, trata-las e preveni-las. Esse objeto de estudo, que é um sujeito a ser estudado por outro sujeito, adquire características especiais a depender do trabalho clínico ou preventivo. (BOSSA, 2011, p.33).

Para Rubinstein (2004), a psicopedagogia não se limita só em prevenir o fracasso escolar, ela passou a procurar aperfeiçoar os processos de ensino-aprendizagem e a possibilitar a produção de conhecimento. O sujeito que aprende passou a ser entendido, inserido em um contexto, e é nesse momento que o psicopedagogo considera a questão do aprendente a partir do entendimento das suas múltiplas dimensões.

A psicopedagogia é preventiva e terapêutica e tem como campo de atuação a psicopedagogia clínica e a psicopedagogia institucional. Segundo Bossa (2011), o trabalho clínico é preventivo e na medida que trata as causas de determinado problema inibe o aparecimento de outros.

Para Bossa (2011), o trabalho do psicopedagogo acontece tanto na clínica como também em hospitais. Assim, o psicopedagogo busca saber o porquê da não aprendizagem, bem como a forma da aprendizagem do indivíduo.

Na clínica, existe todo um trabalho, desde a elaboração do diagnóstico, até a devolutiva ao paciente, e segundo Bossa (2011), o trabalho clínico acontece de duas formas: a fase com testes, que é a diagnóstica e também a fase de intervenção.

Ainda, para a mesma autora, o diagnóstico psicopedagógico clínico utiliza-se de instrumentos para coletas de dados como: *anamnese*, provas psicomotoras, provas de nível mental, provas pedagógicas, provas de percepção, provas projetivas, provas de linguagem e entrevistas e, além da entrevista com o sujeito para realizar o diagnóstico, também é preciso utilizar-se de outros instrumentos para se chegar a um resultado.

O psicopedagogo atua na construção do conhecimento do sujeito, que nesse momento é a instituição com suas regras e princípios. O psicopedagogo na

instituição vai olhar um todo, não só o indivíduo com sua particularidade. Para Bossa (2011 apud SILVA, 2011), o trabalho do psicopedagogo na instituição tem a característica pela natureza e pela intenção do trabalho da instituição, na qual o psicopedagogo presta assessoria.

A psicopedagogia acontece em vários espaços escolares e não escolares, e o espaço escolhido para a realização desta pesquisa foi uma escola.

A escola cumpre uma importante função social: a de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo. A escola, afinal, é responsável por grande parte da aprendizagem do ser humano (BOSSA, 2011, p.141).

A escola é, depois da família, responsável pelo aprendizado do indivíduo, e a família é responsável por levar esse até a escola.

Eu não acho que a aprendizagem esteja restrita à escola. Eu acho que esta é a melhor forma de se transmitir algumas aprendizagens, mas não é só na escola que se aprende. A aprendizagem acontece no sujeito [...]. A cultura, o que faz é, de todos os objetos culturais, selecionar alguns e os transformar, então, em objetos pedagógicos, no sentido de que são geradores de conduta ou estimulantes para fazer este sujeito ingressar na cultura (VISCA, 1991, p.15 apud BOSSA, 2011, p.141).

Pensando diferente, Bossa (2011) fala que a instituição escolar, *a priori*, sempre busca integrar o indivíduo no meio social, fazendo com que as aprendizagens significativas sejam parte do grupo social em que o sujeito pertence.

Que a família vive aquém da aprendizagem dos seus filhos, isso já se sabe. O que se pretende, agora, é saber por que isso acontece? Por qual motivo os pais não participam do ensino dos seus filhos, sendo que isso é fundamental para a criança, para seu conhecimento, para o seu crescimento.

Segundo Guzzo e Tizzei (2007), o primeiro grupo em que a criança está inserida quando nasce é a família, portanto, é ela que insere esse indivíduo na sociedade e começa também a auxiliar no estabelecimento de um vínculo com o mundo.

De acordo com Rocha e Macedo (2002), o engajamento dos pais nas escolas e instituições causa efeitos positivos nos pais e nos professores. Os pais que participam frequentemente com a escola continuam mais motivados para mergulharem nos processos dessa e, assim, conseguem a sua autoestima como pais.

Como acontece, as escolas e instituições percebem que, cada vez mais, os pais participam menos no processo ensino-aprendizagem dos filhos, isso acontece, pois, os pais estão mais ocupados do que antes, devido à evolução do mundo. Hoje em dia, as coisas acontecem rápido, por isso requerem muito tempo dos indivíduos, isso acaba prejudicando o processo de aprendizagem das crianças.

Assim, as escolas vêm desenvolvendo formas de aproximar esses pais, e uma delas é o dever de casa. Para Carvalho (2004), o dever de casa é uma forma complementar do processo de ensino-aprendizagem e que pode afetar não só o trabalho do docente, mas a vida dos estudantes e sua rotina familiar, como o dever é um componente de interação família e escola, deve ser uma forma de trazer os familiares para rotina escolar, para fazer com que eles participem mais, sendo assim o dever é fundamental para um processo completo.

Dessa forma, Carvalho afirma que "o sucesso escolar depende em grande parte, do apoio direto e sistemático da família, que investe nos filhos, compensando tanto dificuldades individuais quanto deficiências escolares". (CARVALHO, 2000, p.144). Então o dever não está fazendo com que esses pais sejam participativos e queiram participar mais do ensino dos seus filhos, e sim que eles fiquem mais distantes.

A escola tem que procurar novas formas de trazer essas famílias para o ambiente escolar, uma forma correta, que promova a interação entre os dois lados, e que ambos se sintam importantes no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Cardoso (2009), a escola encontra-se ligada nas questões da sociedade, nas capacidades cognitivas. Por isso, cabe à escola tornar o ser humano um cidadão capaz de exercer a sua cidadania, bem como saber sobre seus direitos e deveres.

Oliveira (2001) fala que a escola deve convidar os pais de uma forma mais chamativa a participarem das reuniões pedagógicas. A instituição deve preparar um ambiente acolhedor, em que a família se sentirá segura, onde possa expor suas dificuldades, sem ser reprimida ou julgada, e para isso acontecer a instituição tem que dar esse espaço.

De acordo com Oliveira (2001), as reuniões são momentos em que os pais podem compreender o desenvolvimento dos filhos e falar sobre suas dúvidas. É preciso pensar nas formas de convidar os pais a participarem do processo ensino-aprendizagem, para juntos encontrarem soluções para os problemas detectados.

Entre a família e a escola deve haver uma parceria, ambas devem andar juntas, caso contrário o ensino das crianças fica prejudicado. Caso essa parceria não aconteça a aprendizagem não acontecerá também, ambas vão ficar jogando a responsabilidade de um lado para o outro e o problema continuará existindo.

Segundo Cardoso (2009), os pais têm um papel de supervisão da proposta pedagógica e devem participar das ações da escola que promova a parceria família-escola. Pais que participam ajudam a instituição a promover o desejo de aprendizagem nas crianças.

Escola e família têm os mesmos objetivos: fazer as crianças se desenvolverem em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. As instituições que conseguiram transformar os pais ou responsáveis em parceiros diminuíram os índices de evasão e violência e melhoram o rendimento das turmas e forma significativa (GENTILE, 2006, p.33).

Com a participação da família o aprendizado é significativo, a escola que tem uma parceria com os pais busca sempre formas de melhoria, pois sabe que isso é fundamental.

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano (PARO, 2000, p.30).

A escola, que sabe fazer das oportunidades o seu ponto de partida, tem em seu currículo um ganho muito grande em relação ao ensino. Saber trazer os pais para escola não é fácil, e quando isso acontece essa deve fazer de tudo para manter.

A família tem seu próprio crescimento, e a pequena criança experimenta mudanças que advêm da gradual expansão e das tribulações familiares. A família protege a criança do mundo; este, porém, aos poucos vai se introduzindo: as tias e tios, os vizinhos, os primeiros grupinhos de crianças, e por fim, a escola (WINNICOTT, 2013, p.60).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), de 1996, apontam que o ensino formal deve desenvolver os estudantes de forma plena. Então cabe à escola ensinar para vida, para que o indivíduo consiga sobreviver ao mundo, entendendo os seus deveres e direitos, sabendo viver em sociedade, no ambiente familiar, no trabalho e no meio social.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), o bom desenvolvimento é cuidar não apenas da parte de ensinar, mas também das várias circunstâncias da vida do ser humano para que este se desenvolva por completo. A educação não pode ser só para desenvolver o conhecimento e a habilidade, mas deve servir também para ampliar as perspectivas do homem e torná-lo útil à sociedade.

A literatura existente aponta para referenciais que citam a importância do meio familiar na construção do processo de aprendizagem da criança. Segundo Marturano (1998), a influência do ambiente familiar no aprendizado escolar é amplamente reconhecida, embora não se possa atribuir toda responsabilidade a família pelo desempenho escolar do aluno. As características da criança e a escola também influem. Neste contexto o papel do psicopedagogo se constrói, como elo, propiciando uma aprendizagem significativa na educação do aluno.

No contexto da educação, vem sendo discutida com maior ênfase, a necessidade de uma participação efetiva das famílias na instituição escolar. Tal preocupação pode ser visualizada, tanto nas propostas presentes na legislação educacional vigente, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), n. 9.394/96, como também em outras pesquisas e publicações a exemplo do Jornal do Ministério da Educação (MEC).

No que se refere à legislação, a Constituição Federal, em seu artigo 205, afirma que “a educação é direito de todos e dever do estado e da família”. No título II, do artigo 1^a da LDB, a relação é alterada para “a educação é dever da família e do estado”, mudando a ordem de propriedade em que o termo família aparece antes do termo Estado. Se a família passa a ter uma maior responsabilidade com a educação, é necessário que as instituições família/escola mantenham uma relação que possibilite a realização de uma educação de qualidade.

A importância da intervenção psicopedagógica se dá na introdução de contribuições específicas no enfoque pedagógico, facilitando o processo de aprendizagem das crianças e compreendendo-o como um processo abrangente do escopo escolar. Esta construção pedagógica, rica em instrumentos, implica na utilização de vários componentes de estruturação: aspectos afetivos, cognitivos, motores, sociais, políticos, etc.

O papel do psicopedagogo é fundamental para o sucesso da aprendizagem, à medida que lida com as dificuldades, examinando todas as variáveis

incluídas em um processo maior, deslocando da visão aluno e professor, para docente e psicopedagogo.

Com uma visão holística é possível perceber a individualidade de cada ser. Segundo Oliveira (1995, p. 15), alguns dos aspectos fundamentais deste processo “é perceber o aluno em toda a sua singularidade, captá-lo em toda a sua especificidade em um programa direcionado a atender as suas necessidades especiais”. Portanto, faz-se necessário criar estratégias para perceber a individualidade de cada sujeito, a fim de propiciar um contexto onde a aprendizagem aconteça de forma significativa.

3 METODOLOGIA

A partir das análises do todo escolar, o psicopedagogo institucional irá auxiliar à direção e demais professores a refletirem sobre a aprendizagem, metodologias de ensino e práticas pedagógicas, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino. Assim o psicopedagogo institucional tende a identificar as dificuldades e os obstáculos presentes na escola e que possam interferir no processo de aprendizagem, prevenir o fracasso escolar e orientar as funções de cada sujeito, para que assim todos possam trabalhar harmonicamente para que os objetivos educacionais possam ser alcançados.

Para tanto, foram utilizados os seguintes instrumentos de análise:

- observação em sala de aula;
- observação na instituição como um todo (instalações, localização, infraestrutura física, organização sociopolítica);
- entrevista com a gestora;
- observação em reuniões de pais e mestres;
- entrevista com os pais;
- aplicação de questionário;
- observação de documentos.

Por meio destes instrumentos, pode-se dizer que após a análise dos estudos, foi fornecida a devolutiva para a gestora da instituição, por escrito e verbalizada, por meio de uma conversa franca. Buscou-se, com isso, que a gestora não ficasse constrangida, mas em tom de reconquista de um trabalho de qualidade na instituição, pudesse analisar junto ao corpo docente, tanto as práticas quanto a mudança no uso do espaço físico da instituição.

Para isso, realizou-se uma pesquisa quantitativa e qualitativa para apurar a falta de motivação e de interesse dos pais pelas aulas e conteúdos ministrados e o pouco comprometimento da família no processo de ensino e aprendizagem.

Em sua natureza, as pesquisas podem ser classificadas segundo vários critérios. Em um estudo quantitativo o pesquisador define claramente as suas hipóteses e variáveis, usando-as, essencialmente para obter uma medição precisa dos resultados quantitativos obtidos, já no qualitativo o pesquisador procura verificar um fenômeno por meio da observação e estudo do mesmo.

A pesquisa quantitativa tem a vantagem da escala. Permite que grandes quantidades de dados, extraídos de um grande número de pessoas, sejam coletados e analisados. A pesquisa qualitativa, por outro lado, é realizada com pequenas amostragens. Nela consegue-se extrair dados mais subjetivos, com perguntas abertas, permitindo conhecer mais sobre o indivíduo. A pesquisa qualitativa muitas vezes abre novas opções e ideias, que não se conseguiria com uma pesquisa quantitativa, pela sua natureza fechada (HOFFMAN, 2013).

A orientação baseada na qualificação dos resultados fundamenta-se na queixa inicial da gestora relatando a falta de motivação e o desinteresse dos pais em comparecer em reuniões de pais e mestres e a falta de comprometimento da família com relação a aprendizagem do filho. Ao tomar como referência o relato da gestora, partiu-se para a realização de entrevistas, observação e aplicação de questionário com a finalidade prevista de diagnosticar e identificar as possíveis interferências dos aspectos citados (BARDIN, 1977).

De posse do resultado dos instrumentos, foi planejada e proposta a intervenção, cujo objetivo concentrou-se em atender as necessidades do educando, oferecendo condições para que o próprio aluno se torne responsável pela construção do seu conhecimento.

3.1 ANÁLISES DOS DADOS

3.1.1 Observação

A observação é um relato atento dos fatos, tendo em vista descobrir determinados comportamentos. Neste caso, o pesquisador integra-se a um grupo participando de suas atividades e registra os dados oferecidos. A observação é um instrumento básico de coletas de dados (BASTOS; KELLER, 2000).

A observação utilizada foi a não estruturada, pois foi realizada de forma livre, onde o observador fez os registros espontaneamente (TRIVINÕS, 1987). E com ela percebeu-se que a diretora quer buscar melhoria para a escola, mas não sabe como, pois, é nova no cargo e assumiu a diretoria em 2017. Ela disse que o PPP não foi atualizado ainda, porém está providenciando a atualização.

Foi notado que a diretora fica incomodada em relação a um bar próximo à escola, que ela suspeita que seja um ponto de drogas e que pode influenciar seus alunos. Além disso, esse local também faz uso de som automotivo, atrapalhando

assim os alunos a prestarem atenção nas aulas. Ela relatou que já procurou ajuda, mas sem sucesso e que os pais podem não ir até a instituição por não gostarem do ambiente propiciado pelo estabelecimento e que podem até tirar seus filhos de lá por esse motivo também.

Os banheiros que ficam no corredor de entrada dos alunos, entre a secretaria e a sala dos professores, acabam por atrapalhar os visitantes ou os funcionários, porque os alunos transitam ali a todo o momento para utilizarem-no.

Durante o recreio eles trancam um portão que dá acesso ao pátio maior para que os alunos não tenham acesso, assim o espaço para eles circularem fica menor. Alguns discentes disseram não gostar que eles tranquem, pois se sentem presos e que gostariam de um espaço maior, para terem mais liberdade.

O pátio escolar não tem trabalhos expostos dos alunos, pinturas, desenhos, cartazes, para que os pais possam ver. A escola tem também uma horta descuidada, mas que a diretora tenta recuperá-la.

A escola tem uma quadra de esporte, que os alunos usam para fazer Educação Física. O chão está um pouco gasto, precisa de reparos e a pintura está soltando das paredes.

As observações mostraram que a escola tem uma defasagem muito grande em relação às famílias, que não há nenhuma reunião com elas marcada, e que a direção espera surgir uma data para que essa aconteça.

Assim, depois das observações, notou-se que escola precisa de uma reforma, de uma pintura, que necessita expor os trabalhos dos alunos, de abrir os portões durante o recreio, que os banheiros deveriam sair do corredor de entrada e serem instalados em um lugar discreto, que não atrapalhe quem chega na escola.

Com relação ao bar, a escola tem que promover palestras que conscientizem e mostre o perigo das drogas e conversar com as famílias para explicar que o bar não prejudica a aprendizagem dos seus filhos.

No que tange à horta, esta deve ser valorizada. Deve-se fazer projetos com os alunos e com a comunidade para resgatá-la. Propor projetos sobre a alimentação saudável e a cultivo do próprio alimento.

3.2.2 Entrevista

A entrevista é um instrumento também de coletas de dados que busca informações, com temas definidos ou pode ser uma conversa livre (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A entrevista utilizada foi a estruturada, composta de nove perguntas, previamente preparadas, interrogando-se o sujeito para buscar respostas mais diretas sobre a vida escolar de seus filhos.

Percebeu-se, assim, que os pais não acham que transferiram a educação dos seus filhos para a escola. Eles acreditam que a escola tem sim que promover projetos que visam a participação dos pais e que as reuniões não sejam só para falar das notas e boletins, e que, também, as festas não sejam só em datas comemorativas como: dia das mães, festa junina, pois, para a família, o papel social da escola é: desenvolver um cidadão participativo na sociedade em que vive, ou seja, escola e a família devem compartilhar a responsabilidade sobre o aluno.

Notou-se, também, que eles pedem reunião particular com cada professora para discutir assuntos relacionados à educação e que tenha palestras educativas. Eles acreditam que ajudando nas tarefas, nos trabalhos escolares, participando das reuniões e estando atentos ao rendimento escolar, contribuem para um bom desenvolvimento escolar de seus filhos.

Para as famílias entrevistadas, elas estão sempre presentes na vida escolar de seus filhos, pois participam de projetos que a escola oferece, como: O Mais Educação.

Como demonstrado pela entrevista, a escola não repassa toda a responsabilidade da educação dos alunos para família. De acordo com o PPP da instituição, a família transferiu toda reponsabilidade para ela e ressalta que a educação tem que ser dividida entre as duas partes.

A entrevista também apresenta o desejo das famílias em ter reuniões com as professoras de seus filhos, que que o principal desafio da família é dar prioridade à escola, pois a rotina do dia a dia acaba dificultando a participação dos pais na vida escolar de seus filhos.

Muitas mães relataram que as vezes que não participaram de alguma reunião que a escola solicitou, foi porque estava trabalhando, outras porque os filhos não entregaram o recado. Segundo elas não foi por falta de interesse. Muitas acreditam que se além de mandarem um bilhete digitado ou manuscrito a escola

ligasse avisando da reunião mais mães compareceriam, pois muitos dos alunos não entregam os recados.

Essas mães ainda relatam que estão cansadas fazerem as mesmas coisas na escola. Todas as vezes que são chamadas são para festa de dia das mães, onde recebem brindes e são avisadas sobre o horário de saída e de entrada dos alunos. Elas querem mais, querem saber sobre a escola, a rotina, como é feita a merenda, como funciona a coordenação, etc., ou seja, fazerem parte da escola por completo.

3.2.3 Análise Documental

A análise documental, segundo Camargo (2008), é aquela realizada a partir de documentos novos ou antigos que tenham comprovação científica válida.

Percebe-se que a escola em estudo mantém, no Projeto Político Pedagógico, projetos com a intenção de chamar a família para participar e fazer parte do cotidiano dos alunos. Os projetos pretendem, segundo o PPP (2015, p.30).

Promover um circuito de reuniões pedagógicas com os pais, ministradas pela escola com o objetivo de melhorar de melhorar o entrosamento Família e Escola e conseqüentemente contribuir para melhorar o desenvolvimento da aprendizagem dos filhos como também diminuir os problemas indisciplinares dos alunos; a participação dos pais nas reuniões de conselho de classe com objetivo de contribuir na análise do processo de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e ouvirem as estratégias e medidas a serem tomadas, visando o seu aprimoramento; Realizar uma reunião anual com a comunidade para esclarecer sobre direitos e deveres inseridos no regimento escolar e ações do PDE e para elaboração do PPP e; realizar um evento cultural por semestre para pais e comunidade.

Mas, segundo relatos da diretora, algo não vai bem, pois são poucas as famílias que ainda participam desse contexto escolar e a escola acredita que os pais transferiram a responsabilidade da educação para a instituição. Segundo o PPP (2015, p.19), “sabemos que hoje os pais transferem suas responsabilidades educativas para a escola”.

Sendo assim, a família não participa efetivamente do aprendizado do aluno nessa escola, e essa quer saber porque isso acontece? Visto que, desde o início a família tem papel fundamental na educação dos seus filhos, segundo Bock, Furtado e Trassi (2008, p.238).

A função social atribuída a ela é transmitir os valores que constituem a cultura e as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto, é, educar as

novas gerações segundo padrões dominantes e hegemônicos de valores e de condutas.

A escola em questão relatou que a família não participa das reuniões pedagógicas, nem mesmo para buscar os boletins dos filhos. Como medida a instituição adotou um novo sistema de atendimento, tentando alcançar esses pais não participativos, que é o atendimento individual, onde a coordenação recebe separadamente os familiares e mesmo assim não obtém resultado satisfatório.

Percebe-se que a escola como família faz parte da construção do conhecimento dos aprendentes, quando essa sintonia não acontece, parece que uma das partes não faz o que deveria fazer, e nesse caso a escola em questão busca formas de trazer a família para vida escolar de seus filhos, como demonstrado abaixo, tarefa nada fácil.

Procuramos estabelecer parcerias com os pais e responsáveis dos alunos, envolvendo e informando-os sobre o desempenho de seus filhos através de telefonemas, boletins informativos, reuniões periódicas, visitação às residências e realizações de eventos voltados para a comunidade em geral, e o mais importante, atendê-los individualmente sempre que somos solicitados, promovendo um ambiente agradável, acolhedor e de confiança. (PPP, 2015, p.19).

Notou-se, também, que o Projeto Político Pedagógico não é atualizado, visto que a direção da instituição é feminina e o PPP refere-se a um homem.

3.2.4 Questionário

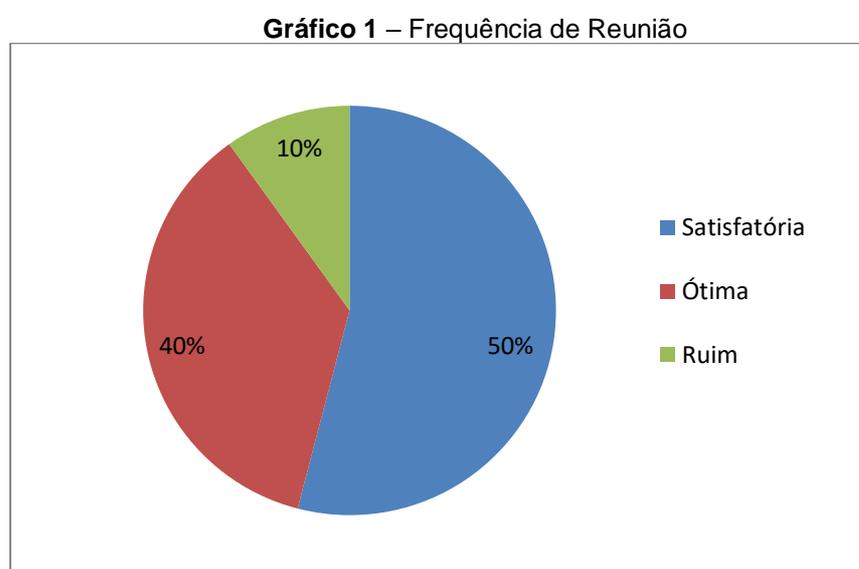
Para a análise dos dados utilizou-se de um questionário, com cinco perguntas fechadas, distribuídos em cinco salas, no turno vespertino, levados para casa pelos discentes para que os pais pudessem respondê-los e depois devolvê-los às pesquisadoras.

Foi possível perceber no questionário que alguns pais têm interesse em participarem no processo ensino-aprendizagem dos filhos, e não culpam a escola pela falta de participação dos familiares, mas sim de algumas famílias que realmente não têm interesse. Já outras culpam a escola sim, pois acreditam que se a escola abrisse as portas como eles dizem que faz, teria mais empenho dos familiares na participação.

As famílias acreditam que muitas coisas que acontecem na escola acabam por afastá-las, como: diálogo não claro entre instituição e familiar e também reclamações de seus filhos por parte da escola.

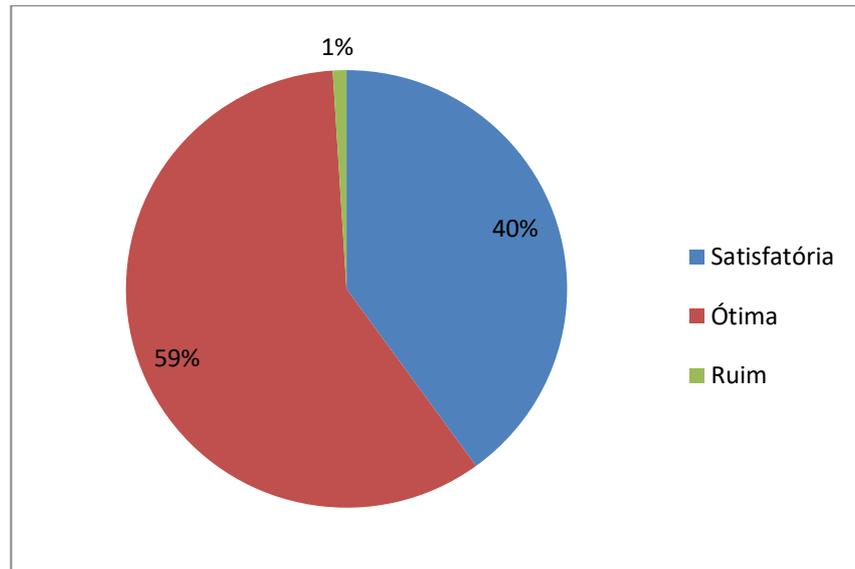
O Gráfico 1 apresentou qual é a frequência dos pais nas reuniões escolares. Cinquenta por cento acham que sua frequência é satisfatória, pois foram nas reuniões mais de uma vez; 10% dizem que sua frequência é ruim, pois nunca foram nas reuniões, e 40% acreditam ser ótima, visto irem em todas as reuniões que a escola solicitou.

Analisando os dados obtidos foi possível perceber que mais da metade dos entrevistados julgam as suas participações satisfatórias por terem ido mais de uma vez às reuniões, enquanto deveria ser ótima que ficou atrás de satisfatória com apenas 40%.



Fonte: Autoras, 2017.

O segundo Gráfico apresenta o seguinte questionamento: você se sente presente na vida escolar de seus filhos? Um por cento disse que nunca participou da vida escolar de seus filhos; 40% disseram que sua participação é satisfatória, e 59% relataram que sempre participam. Assim, através da pesquisa, fica claro que há sim a participação significativa dos pais na vida escolar dos filhos, visto que 59% afirmaram sua com cinquenta e nove por cento dos entrevistados relatando que sua participação é ótima.

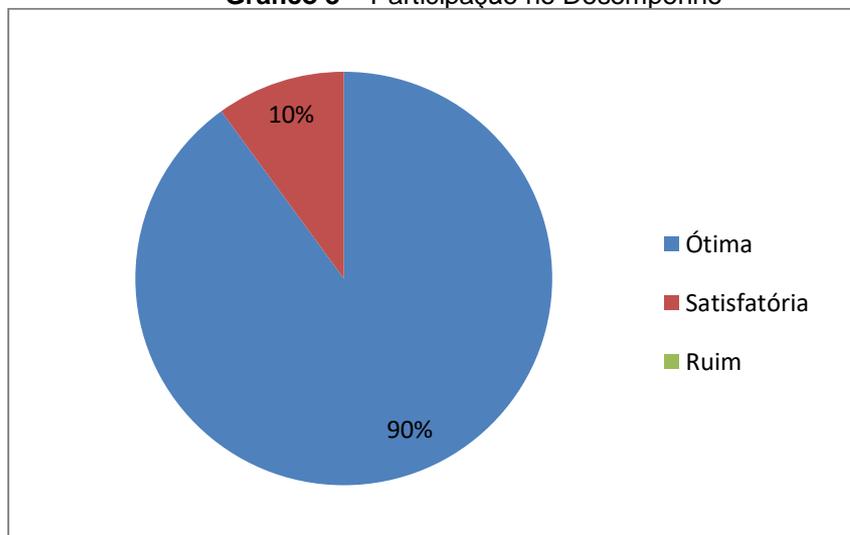
Gráfico 2 – Presença na Vida Escolar

Fonte: Autoras, 2017.

O Gráfico 3 trouxe a análise sobre a visão dos pais em relação à importância da participação deles para o desempenho escolar de seus filhos.

Noventa por cento disseram que é muito importante sua participação, 10% acham que é pouco importante sua participação e zero por cento acham que não tem importância.

Analisando os dados é possível destacar que noventa por cento dos entrevistados acham que se houver a participação dos pais o desempenho e a aprendizagem dos filhos, com certeza, irão melhorar.

Gráfico 3 – Participação no Desempenho

Fonte: Autoras, 2017.

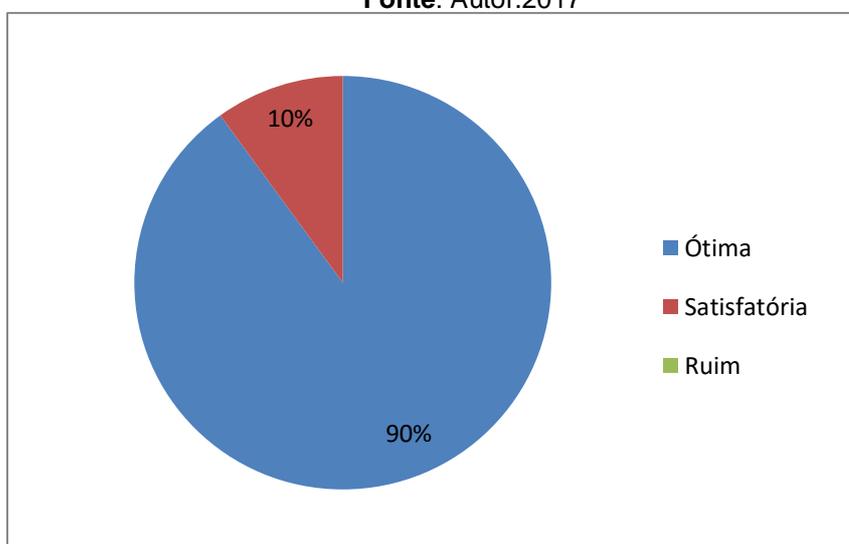
No quarto gráfico tinha-se a seguinte pergunta: qual a sua visão em relação à professora de seu filho?

Zero por cento não conversa com a docente; 90% mantêm uma boa relação com a mesma só nas reuniões, e; 10% têm uma ótima relação com ela.

Nota-se que a relação entre professor e aluno não é o esperado, pois 90% mantêm uma relação satisfatória, enquanto só 10% têm uma relação ótima com os professores, sendo que essa interação é fundamental durante toda vida escolar dos alunos.

Gráfico 4 – Percepção a respeito do professor

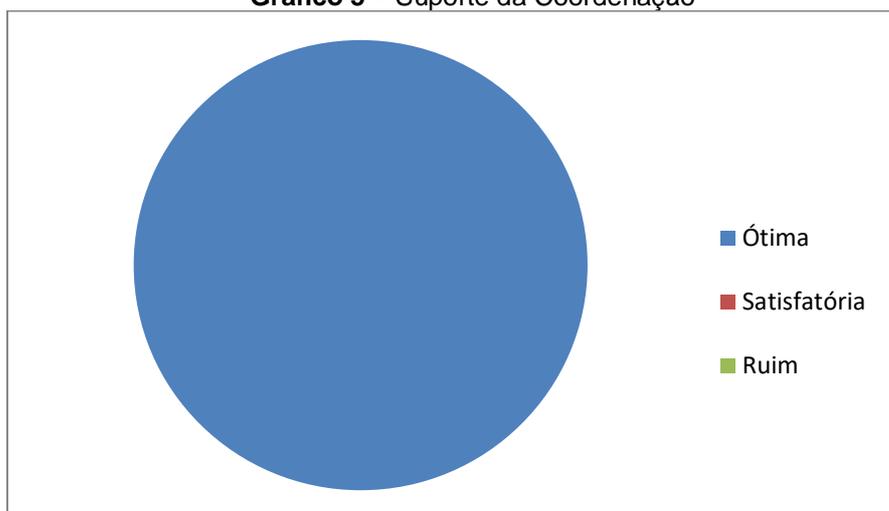
Fonte: Autor.2017



Fonte: Autoras, 2017.

O quinto gráfico trouxe os dados da seguinte pergunta: a coordenação te dá o suporte que você precisa?

Cem por cento dos entrevistados acham que a coordenação dá todo suporte de que precisa. Então é perceptível que a coordenação tem um bom relacionamento com os pais em todos os momentos que é procurada.

Gráfico 5 – Suporte da Coordenação

Fonte: Autoras, 2017.

Analisando os dados, nota-se que as famílias querem participar e que a escola quer recebê-las, mas ambas as partes não sabem como fazer isso. Talvez por acharem que estão atrapalhando um ao outro, as famílias por acharem que atrapalham o trabalho da escola e a escola por achar que já fez de tudo.

De fato, as famílias precisam dedicar mais tempo ao ensino-aprendizagem dos seus filhos e deixar de achar que a responsabilidade de ensino e educação é só das escolas.

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

É necessário que se faça uma intervenção pelo fato de a escola realmente necessitar da participação da família, visto que essa parceria família e escola se faz necessária, não só pelo fato de que os alunos vão se beneficiar com essa interação, mas também as famílias irão sentir-se úteis nesse processo, irão querer fazer parte da escola, participar etc.

A escola tem que realizar projetos de integração, terá que reinventar as reuniões, com palestrantes que enfatizem o quanto a participação dos pais é importante.

Faz-se necessário, ainda, realizar um projeto com a horta que tem na escola, fazer com que as famílias participem da revitalização dessa, com mudas que as próprias famílias possam trazer de casa.

Muitas vezes os pais não participam dos projetos da escola pelo fato de que os filhos não entregam os recados, uma alternativa seria que a escola ligasse para as famílias antes das reuniões, independentemente da quantidade, pelo fato dos alunos não entregarem os recados.

Muitas famílias se afastam por acharem que a escola não irá recebê-los. Uma forma de dar segurança para a família em relação a escola é fazer um projeto família na escola, promovendo toda semana a participação de uma família para visitá-la, para conhecer como a escola funciona, suas histórias, suas conquistas e os méritos que os alunos já conseguiram.

5 CONCLUSÃO

O processo de análise psicopedagógico visa a compreensão dos processos de aprendizagem, comprometidos com a transformação do ambiente e da realidade escolar, na medida em que possibilita, mediante exercício, análise e ação reflexivas, superar os obstáculos que se interpõem ao pleno domínio das ferramentas necessárias à leitura do mundo e atuação coerente com a evolução e progresso da humanidade.

Buscou-se neste trabalho, contribuições ricas no enfoque pedagógico aos objetivos aqui propostos, o objetivo maior foi analisar porque as famílias não estão participando do ensino dos seus filhos. Percebeu-se, então, que as famílias não estão participando porque a escola não dá uma abertura significativa para que a interação aconteça.

A causa do processo de aprendizagem, bem como das dificuldades de aprendizagem, deixa de ser localizada somente no aluno e no professor e passa a ser vista como um processo maior com inúmeras variáveis que precisam ser apreendidas com bastante cuidado pelo professor e psicopedagogo. É preciso que o professor ou psicopedagogo alterem a sua forma de conceber o processo de ensino-aprendizagem.

Esse processo não é linear e contínuo que se encaminha numa única direção, mas, sim, multifacetado, apresentando paradas, saltos, transformações bruscas. Acreditar que a dificuldade de aprendizagem é responsabilidade exclusiva do aluno, ou da família, ou somente da escola é, no mínimo, uma atitude ingênua perante a grandiosidade que é a complexidade do aprender.

As hipóteses trazidas que também nortearam o trabalho, se a escola tem interesse de que a família participe do processo de ensino, se ela realmente não está participando, e se família e escola buscam soluções para esse problema, foram respondidas. Sim, ela tem interesse, só não sabe como fazer; não há a participação efetiva como deveria, e; não, as famílias acham que quem tem que fazer isso é a escola, que tenta resolver, mas infelizmente não consegue.

Enfim, a pesquisa trouxe uma nova perspectiva para a escola, pois a mesma visa a melhoria do ambiente escolar, pois prezam a educação.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. ed 1º. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, C.; KELLER, V. **Aprendendo a Aprender: Introdução À Metodologia Científica**. ed 23º. São Paulo: Editora Vozes, 2000. p. 112.
- BOCK, A.; FURTADO, O.; TRASSI, M. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologias**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p.368.
- BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- BRASIL. **LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- _____. **PCN'S, Parâmetros Curriculares Nacionais, Secretaria de Educação Fundamental**. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- CAMARGO, E. **O conceito de pesquisa documental**. 2008. Disponível em: <<http://pesquisadocumental.blogspot.com.br/p/o-conceito-de-pesquisa-documental.tml>>. Acesso em: 19 nov. 2017.
- CARDOSO, A. R. **Escola e pais separados: uma parceria possível**. Curitiba: Juruá, 2009.
- CARVALHO, P. E. M. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família- escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25. p.94-104, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- _____. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero, UFPB, **Cadernos de pesquisa**, n. 110, p. 143-155, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n110/n110a06.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- GASPARIAN, M. C. C. A Psicopedagogia e as Questões da Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, v. 23, n.72, jun./ago. 2006.
- GENTILE, P. Parceiros na aprendizagem. **Nova Escola**. São Paulo: Abril, julho/2006.
- GUZZO, R. S. L; TIZZEI, R. P. Olhar sobre a criança: perspectiva de pais sobre o desenvolvimento. In: GUZZO R. S. L, et. **Desenvolvimento infantil: família, proteção e risco**. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 35-57.
- HOFFMAN, R. C. Análise de Conteúdo: da Teoria à Prática em Pesquisas Sociais Aplicadas às Organizações. **Revista Interinstitucional de Psicopedagogia**. v. 6, n. 2, jul/dez, 2013.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In: FUNAYAMA, C. A. (Org.). **Problemas de aprendizagem**: enfoque multidisciplinar. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

OLIVEIRA, L. P. **Uma relação tão delicada**: a participação da família no processo de aprendizagem de crianças do ensino fundamental de 1º a 4º série e classes de alfabetização: Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia), Universidade da Amazônia, Belém, 2001. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/relacao_delicada.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2017.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico. 3. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. 1ª ed. São Paulo: Editora Xamã, 2000. p. 126.

ROCHA, S. C; MACEDO, R. C. **Relação família e escola**. Trabalho de conclusão de curso, (graduação em pedagogia), Universidade da Amazônia, p. 8-53, nov. 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/Site/bibdigital/monografias/relação_família_&_escola.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2017.

RUBINSTEIN, E. Rumos da Psicopedagogia brasileira. In: **II Fórum Psicopedagógico. Debate Nacional**: As dificuldades no aprender e o aprender das dificuldades. Rumos da Psicopedagogia no Brasil, São Paulo, 2004.

SILVA, K. C. **Introdução a Psicopedagogia**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

TRIVINÕS, A.N.S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 247.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário

- 1) Qual a sua frequência na reunião de pais?
 Ruim, nenhuma vez no ano.
 Satisfatória, uma ou duas vezes ao ano ?
 Ótima, todas as vezes.

- 2) Você se sente presente na vida escolar de seus filhos?
 Ruim, nunca participei.
 Satisfatória, as vezes participo.
 Ótima, sempre participo.

- 3) Você acha que sua participação é importante para o desempenho escolar de seu filho?
 Ruim, acho que não tem nenhuma importância.
 Satisfatória, acho pouco a importância.
 Ótima, acho sim muito importante.

- 4) Qual a sua visão em relação a professora do seu filho?
 Ruim, não conversamos.
 Satisfatória, conversamos só durante as reuniões.
 Ótima, sempre conversamos

- 5) A coordenação te dá o suporte que você precisa, em relação a educação de seu filho?
 Ruim, sempre fogem do assunto.
 Satisfatória, as vezes sim, mas de forma embaraçosa.
 Ótima, eles sempre mantêm um diálogo muito aberto com as famílias.

APÊNDICE B – Entrevista

- 1) Qual o papel dos pais na educação dos filhos?
- 2) Como posso ser presente na vida escolar do meu filho?
- 3) Qual a função social da escola?
- 4) A família e a escola devem compartilhar as responsabilidades sobre o aluno?
- 5) Quando se fala da participação da família na organização da escola encontramos muitos desafios, quais são eles?
- 6) Aponte algumas medidas que poderiam ser tomadas a respeito da participação dos familiares na escola?
- 7) Você acompanha o desenvolvimento escolar do seu filho?
- 8) Vocês participam de projetos desenvolvidos pela escola? Explique:
- 9) Que tipo de acontecimento fora da escola você percebe que podem afetar negativamente a aprendizagem dos alunos?